



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **TRABALHANDO GÊNERO EM SALA DE AULA: TEMAS E CONCEITOS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA.**

Autor: Valéria Patrícia Araújo Silva

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG*

E-mail: [valeriacsufcg@outlook.com](mailto:valeriacsufcg@outlook.com)

### **INTRODUÇÃO:**

A sociedade vem passando por várias transformações, e alguns valores e conceitos passam a ser questionados, ou seja, a forma de conceber as relações está em constantes transformações. Sendo assim, conceitos e temas como famílias, casamento, violência contra mulher, racismo, gênero, violência estatal, extermínio de juventude e etc. são necessários serem debatidos na sala de aula de Sociologia, independentemente de aparecer ou não no livro didático da disciplina. O professor pode utilizar outros subsídios para discorrer a cerca destes temas na sala de aula. Mas, é importante saber que o tema deve ter relação com conceitos ou pesquisas científicas. As OCN os definem os conceitos deste modo: “Os conceitos são elementos do discurso científico que se refere à realidade concreta” (OCN, op. cit. p.117). O professor de Sociologia deve conhecer cada um deles, mas, principalmente precisa articulá-los com a realidade concreta. Isto é fundamental para que a exposição em sala de aula não se torne um vocabulário técnico e acabe “transformando os alunos em dicionários de Sociologia”. Todo conceito possui história e é importante contextualizá-lo, para que os alunos possam compreender a realidade social. Então é importante trabalhar conceitos para facilitar o processo de abstração do aluno, e assim, ajude-o a compreender melhor o desenvolvimento da sociedade, e também para lhe afastar de certa explicação do senso comum e/ou de visão das aparências que o torna um ser acrítico, apático ou simplesmente indiferente com o que se passa ao seu redor. Assim, “pode-se trabalhar com muitos temas, e dependendo do interesse do professor, dos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

alunos e também da própria escola, ou adequar essa escolha a própria realidade” (OCN, 2006, p.119).

Exemplificando o trabalho com temas e a sua transformação em tema sociológico, destacaremos as relações de gênero e sua relação com a violência contra a mulher. Acredito ser este tema relevante para ser trabalhado sala de aula, uma vez, que na atualidade é um tema muito debatido na mídia brasileira, mas que na maioria dos casos são mostrados como algo espetacular nos noticiários e enfatizando muitas vezes aspectos que estimulam visões muitas vezes preconceituosas, quando não baliza um problema tão sério para quem sofre suas consequências diretas. Espetacularizar, de certa forma já é banalizar, até porque transforma tragédias pessoais e coletivas em diversão e entretenimento. Banalizar de certa forma é também naturalizar porque torna as coisas comuns, óbvias, como algo ordinário da vida cotidiana, que acontece todos os dias e, assim, algo de pouca ou sem menor importância. Daí, porque este tema como outros devem ser sociologicamente analisados. Veja-se, então, entender como se dão as relações de gênero e a construção da identidade feminina. Percebo que a forma de comportamento social foi construída culturalmente ao longo dos séculos. Ou seja, o papel que cada indivíduo desenvolve na sociedade, as crenças, os ideais, a conduta são estereotipados, e de algum modo determinam os tipos de comportamentos para o homem e a mulher, o primeiro ente é visto como provedor, o segundo como reprodutor. Os papéis de homens e mulheres ao longo da composição das culturas vêm se constituindo na busca de demarcar os lugares de atuação de cada categoria, ou seja, tomando o espaço público como um espaço masculino e o espaço privado como feminino. Na tentativa de desnaturalizar essa preleção e desconstruindo o mito de que as mulheres são frágeis e sentem apatia por política, as mulheres buscam confrontar-se na luta contra a violência seja ela, sexual, psicológica ou simbólica. Enfim, todo tipo de violência que tornam as mulheres vulneráveis e suscetíveis à desigualdade de gênero, buscando desconstruir a noção de identidade feminina, como caracterização de ser frágil e delicado. Também para ratificar o discurso de que a identidade humana é construída socialmente, e que o modo como lidamos com as nossas representações e conflitos, está relacionado com os sistemas simbólicos, o qual se diferencia de acordo com



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

cada sociedade, e assim determinam a identidade do ser social. Podemos destacar: “a identidade é assim marcada pela a diferença” (WOODWARD, 2009, p.15). Tratar de identidade é um tanto complexo, Woodward descreve alguns aspectos que este considera relevante para a discussão sobre identidade, e para isto destaca o seguinte: “O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades”. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentidos a praticas e a relações socais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. “É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferenciação são vividas nas relações socais” (WOODWARD, 2009, p.15)

**METODOLOGIA:** Pesquisas bibliográficas

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Assim, para abordar acerca da identidade feminina nas aulas de Sociologia é importante destacar que identidade é uma construção social e simbólica; a posição social que cada indivíduo desempenha nas relações sociais está relacionada com a forma como este ator social é marcado na sociedade. Portanto, a identidade não é algo estático, é algo vivido nas relações sociais, e sendo assim esta se modifica ou não, ou longo das experiências humanas. A identidade é marcada pela diferença, naquilo que o “outro” é, dentro da produção social. Bem, sabemos aqui que a identidade e a diferença são resultados de um processo de produção simbólica e discursiva, e conseqüentemente, é uma relação social e de poder. Assim, o exposto acima servirá de âncora, na tentativa de expor o conceito ou a construção de identidade feminina a partir da perspectiva cultural, abrindo uma breve discussão acerca de identidade feminina nas diferentes situações. A grande maioria das sociedades, inclusive a brasileira, distingue institucionalmente o papel do homem como diferente do papel da mulher em sua representação social. Os lugares ocupados por homens e mulheres são considerados por diferentes teóricos como sendo uma construção cultural. Podemos destacar os movimentos feministas do início do século XX como os impulsionadores destas questões. No Brasil, a luta pelo direito ao voto, foi acompanhada por diversas outras reivindicações para garantir a participação das mulheres em postos de trabalhos, por exemplo. Com o destaque para o porquê do papel secundário da mulher em relação ao homem. Foram nestas discussões que se procurou demonstrar que a mulher não ocupava uma posição por



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

causa de condições anatômicas e fisiológicas, mas que elas ocupavam posições construídas culturalmente. O termo que entra em questão para explicar esta diferença é gênero. “Precisamos, ainda explicar porque as pessoas assumem suas identidades e se identificam com elas. Porque as pessoas investem na posição que o discurso da identidade lhes oferece? “O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma demissão que justamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização de identidade”. (Woodward, 2009, p.15) No entanto, aponta Dagmar Estermann Meyer (2003) o conceito de gênero passa por alguns desdobramentos: “Uma articulação entre gênero e educação, visto que somos ensinados a ocupar determinadas posições na sociedade”. - O conceito aliado a outras questões sociais tais como classe, etnia, etc. Visto que, há um apoio de gênero a estes fatores nos diversos conflitos sociais. - Tendo como foco a “relação de poder entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como ‘sujeito de gênero’”. Tem o gênero mais que uma simples questão de papéis sociais ocupados por homens e mulheres, isto é, aproxima-se de uma abordagem mais ampla que considera “As instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino”. (MEYER, 2003, p. 18)

### CONCLUSÕES:

Contra hegemonia, os movimentos feministas nos anos 1960 e os estudos com eles aliados, apontam esta sociedade dualista como a principal mentora deste formato de dominação masculina e sua reprodução. A forma de alterar este modelo pode estar em uma “visão dialética da imbricação de identidades individuais e coletivas através da História é o ponto de partida do questionamento das ideias de individualidade, liberdade e autonomia, que são valores centrais da sociedade de consumo atual, inclusive da sexualidade” (GIFFIN, 2003, p.180). Estamos operando sempre num modelo produzido e reproduzido; este modelo é caracterizado pelo padrão de “masculinidade branca, heterossexual, de classe média e judaico-cristã” (MEYER, 2003, p.24). A partir deste trabalho, Foi possível compreender a diferença entre temas e conceitos que formam o conjunto de ferramentas aplicadas na análise e explicação da Sociologia. Sendo assim, se deve problematizar junto aos alunos, em torno do que a reprodução deste modelo acarreta. Já sabemos que a Sociologia se debruça sobre fenômenos sociais que afetam o nosso dia a dia e de alguma maneira busca promover entre os e as estudantes de



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sociologia a problematização das opiniões do senso comum: a desnaturalização e estranhamento da realidade social. Assim um dos campos do ensino da Sociologia é identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade social, isto baseado em diferentes conceitos e a partir de reflexões e observações realizadas. Deste modo, pensar no ensino da sociologia é pensar em uma ação baseada nos princípios da LDB, Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996).

### REFERÊNCIAS:

GIFFIN, Karen. Poder e Prazer: Considerações Sobre o Gênero e a Sexualidade Feminina, pp. 175-185.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). Corpo, Gênero e Sexualidade – Um debate contemporâneo na educação. 2ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2003, pp. 28-40.

HANDFAS, Anita. Os livros didáticos de Sociologia. Revista Coletiva, jan/fev/mar/abr 2013.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: Teoria e Política. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). Corpo, Gênero e Sexualidade – Um debate contemporâneo na educação. 2ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2003, pp. 9-27.